



Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva

Youth and reading: a new perspective

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura**: uma nova perspectiva. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

Nathalie Vieira Neves
Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul

Michèle Petit ainda é pouco conhecida no Brasil. É uma antropóloga francesa, pesquisadora do Laboratório de Dinâmicas Sociais e Recomposição dos Espaços, do Centre National de la Recherche Scientifique, na França, e com obras traduzidas em vários países da Europa e da América Latina, como *Éloge de la lecture: la construction de soi* (2002) e *Une enfance au pays des livres* (2007), entre outras. A primeira tradução da pesquisadora no Brasil é *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, que trata das múltiplas dimensões envolvidas no ato de ler. Baseada em entrevistas realizadas com jovens da zona rural e da periferia de grandes cidades da França, Petit reflete sobre a importância da leitura para a formação humana e para a inclusão social. A obra está dividida em quatro partes, referentes às quatro palestras ministradas no México em 1998, a saber: "As duas vertentes da leitura"; "O que está em jogo na leitura hoje em dia"; "O medo do livro"; e "O papel do mediador".

No prefácio à edição brasileira, Michèle Petit revela a alegria de ter voltado à América Latina, continente ao qual nunca mais havia regressado após seu retorno à França quando tinha 15 anos, depois de ter vivido por dois anos na Colômbia. Ainda associa, a partir dos dados educacionais e socioeconômicos da França, o fracasso escolar e universitário à falta de preparo para interagir com a cultura escrita, ou seja, à não imersão no mundo da leitura. Em entrevistas, Petit constatou que, para muitos jovens de bairros marginalizados, a biblioteca representou um local estruturante, onde podiam ter uma relação mais autônoma com o conhecimento, de modo que a leitura significou um auxílio para a compreensão do seu mundo interior e, por consequência, do mundo exterior. Nesse contexto, a leitura não é capaz de reparar as desigualdades ou



violências, tampouco de tornar as pessoas subitamente virtuosas ou solidárias. No entanto,

[...] contribui, algumas vezes, para que crianças, adolescentes e adultos, encaminhem-se no sentido mais do pensamento do que da violência. Em certas condições, a leitura permite abrir um campo de possibilidades, inclusive onde parecia não existir nenhuma margem de manobra. (p. 13).

244 Em "As duas vertentes da leitura", Petit trata das duas principais concepções ligadas à leitura: controle ou liberdade. De acordo com entrevistados do meio rural, a leitura solitária e silenciosa era uma exceção, de modo que o comum, para essas pessoas, era a leitura compartilhada e em voz alta realizada na família, no catecismo ou na escola. Nesse segundo tipo de leitura, de acordo com Petit, percebemos uma relação entre leitura e poder, já que é possível controlar "o que" e "como se é lido". Em oposição a essa concepção domesticadora, Petit lembra que a leitura é, antes de tudo, um ato de liberdade, que foge a qualquer controle externo, já que "[...] os leitores apropriam-se dos textos, lhes dão outro significado, mudam o sentido, interpretam à sua maneira, introduzindo seus desejos entre as linhas: é toda a alquimia da recepção. Não se pode jamais controlar o modo como um texto será lido, compreendido ou interpretado." (p. 26).

Além disso, Petit argumenta que a leitura, por permitir um distanciamento, uma descontextualização da realidade concreta, pode estimular o senso crítico e ainda proporcionar um espaço para a reflexão, com abertura a novas possibilidades acerca do viver. Pela literatura, podemos nomear estados psicológicos até então desconhecidos e conhecer lados obscuros, ambivalências e contradições do ser humano. Assim, o leitor transforma o texto e é transformado por ele, pois "opera um trabalho produtivo", entendido como reescrita. Na leitura, é possível alterar sentidos, distorcer, reempregar, introduzir variantes. Acrescenta, porém, que "[...] também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo." (p. 28-29).

Petit lembra que, em especial na adolescência, a leitura pode ocupar um papel formador, capaz de mudar os rumos da vida e reorganizar os pontos de vistas, ao nos mostrar que estamos experimentando afetos, tensões e angústias universais. (p. 50).



Na segunda parte, “O que está em jogo na leitura hoje em dia”, a autora trata da importância da literatura para a construção de si mesmo, para o autoconhecimento e para a identidade, especialmente na adolescência. Petit argumenta que a literatura permite, além da apropriação da língua, uma abstração das experiências vividas, afinal, “[...] quanto mais formos capazes de nomear o que vivemos, mais aptos estaremos para vivê-lo e transformá-lo.” (p. 71).

A autora enfatiza que, a partir da literatura, podemos humanizar o outro, pois, diferentemente das narrativas históricas, que falam de pessoas anônimas ou de números abstratos, os textos literários nomeiam uma personagem singular, provocando a identificação e emocionando o leitor. Dessa forma, no ato de leitura, aparentemente solidário, há uma descoberta de como se está próximo das outras pessoas, criando-se um círculo de pertencimento mais amplo, que se estende “[...] para além do parentesco, da localidade, da etnicidade.” (p. 95).

Contudo, é preciso não sacralizar a leitura. A antropóloga lembra que a leitura em si não torna as pessoas virtuosas (aliás, segundo a autora, a história está repleta de exemplos de tiranos e perversos letrados). Além disso, nem toda leitura é edificante, já que há obras que apenas distraem o leitor, conduzindo-o à regressão. A leitura é importante, quando mostra ao indivíduo que é possível “[...] sair do caminho que tinham traçado para ela, escolher sua própria estrada, [...] ter direito a tomar decisões [...], em vez de sempre se submeter aos outros.” (p. 100).

Em “O medo do livro”, mostra os principais empecilhos para a formação do leitor e as contradições nos discursos de democratização da leitura. Petit aponta que os seres humanos têm uma relação bastante ambivalente com a novidade, a liberdade, o pensamento, ora desejando-os, ora temendo-os. Acrescenta que a literatura pode gerar devaneios incontroláveis, o que assusta, por exemplo, os regimes totalitários. Além disso, a autora lembra que a instabilidade e a incerteza provocadas pela literatura podem abalar pessoas inseguras, pois “[...] a leitura ajuda a pessoa a se construir, mas pressupõe, talvez, que ela já tenha se construído o suficiente e que suporte ficar a sós, confrontada consigo mesma.” (p. 134). A antropóloga conclui que há, mesmo em meios em que há estímulo à leitura, uma dimensão transgressora no ato de ler.



A última parte do livro, “O papel do mediador”, trata da importância de sujeitos que aproximem o leitor dos textos, “contaminando” as outras pessoas com a paixão pela leitura. Petit lembra que o mediador pode ser um professor, um bibliotecário, um livreiro, um assistente social, um amigo, enfim, alguém com quem um dia nos deparamos, alguém que se propõe a construir pontes entre leitor e textos. O papel do bibliotecário foi destacado por muitos dos jovens participantes da pesquisa, os quais apontam que esse profissional deve ter como foco não só os livros, mas principalmente as pessoas.

Para os que argumentam que a leitura deve ser um ato totalmente autônomo, livre de interferências, Petit lembra que, às vezes, é preciso apoiar a escolha de livros e ajudar certos leitores a superar dificuldades, como por exemplo, passar da seção juvenil à de adultos, a outras estantes, a outros tipos de leitura, a uma outra biblioteca etc. Quanto à escolha e à indicação de obras, lembra que é perigoso oferecer, apenas, aos jovens o que eles desejam, deixando de lado obras clássicas que poderiam ampliar seus horizontes, o que contribui com a segregação que reserva as obras canônicas e mais densas para leitores privilegiados. Outro ponto levantado por Petit é em relação às listas de leitura. Na opinião da autora, o mediador “[...] deveria poder dar, a cada leitor, uma oportunidade de encontros singulares com textos que possam lhe dizer algo em particular.” (p. 184). Apesar de ter em mente que, em muitos contextos, o mediador pode se sentir impotente ao se deparar com grandes obstáculos, Petit lembra que o bibliotecário ou um professor podem transformar a vida de jovens que até então só tinham como perspectiva um mundo de desigualdade e violência.

Assim, a obra *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*, de Michèle Petit, é de fundamental importância para aqueles que desejam compreender o papel da leitura no processo de constituição do sujeito, contribuindo para a formação de estudantes de graduação e pós-graduação, professores, bibliotecários entre outros. Partindo de entrevistas com jovens oriundos de contextos marginalizados, Petit mostra que a literatura é uma das bases para a formação humana e para a construção de uma sociedade mais justa. Afinal, é através da integração com o nosso mundo interior que podemos nos relacionar de maneira mais ética, solidária e crítica com o mundo exterior, assumindo, assim, uma postura mais ativa na construção de nossa própria história.



Graduanda Nathalie Vieira Neves
Universidade de Caxias do Sul
Cidade | Caxias do Sul
Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação
E-mail | nathalie.vneves@gmail.com

Profa. Dra. Flávia Brocchetto Ramos
Universidade de Caxias do Sul
Cidade | Caxias do Sul
Programa de Pós-Graduação em Educação
Grupo de Pesquisa Linguagem e Educação
E-mail | ramos.fb@gmail.com

Recebido 10 dez. 2009

Aceito 29 dez. 2009